

O congado como espaço constituinte da sociedade civil¹

Raquel Lara Rezende - UFJF
rlrezende@yahoo.com

Resumo

Este artigo pretende colocar em debate o ambiente das culturas tradicionais no momento contemporâneo, as reformulações que circundam a sociedade civil e a cidadania e o lugar da mídia nesse processo marcado por dúvidas e questionamentos. Para tanto, partimos das nossas vivências junto à Irmandade da banda de Nossa Senhora do Rosário, do bairro rural de São José do Triunfo, Viçosa/MG, iniciada em 2004, com o grupo interdisciplinar de pesquisa sobre cultura popular, Gengibre (UFV).

Palavras-chave: Comunicação; Culturas tradicionais; Sociedade civil

Abstract

This article aims to stimulate discussion on the environment of traditional cultures in contemporary moment, the reformulations surrounding civil society and citizenship and place of media in this process marked by doubt and questions. The starting point is our experiences with the Irmandade da banda de Nossa Senhora do Rosário, the rural district of São José do Triunfo, Viçosa/MG, which began in 2004 with a interdisciplinary group of popular culture research, Gengibre (UFV).

Key words: Communication; Traditional cultures; Civil society

¹ Artigo apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

Introdução

Em investigação de trabalho final de curso, Lara Linhalis Guimarães (2006) estuda a série “Identidade Brasil”, apresentada no Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão. A série dividiu-se em três núcleos temáticos, cada qual constituído por reportagens com duração média de três minutos e meio. O primeiro momento, que vai do dia 02/02/2004 ao dia 07/02/2004, contempla seis reportagens variadas envolvendo a temática “cultura brasileira”. O segundo núcleo de reportagens aborda a temática “manifestações culturais brasileiras”, e entrou no ar entre os dias 08/11 e 12/11 de 2004. Dentre as manifestações retratadas estão o xaxado, o cordel e o congado. O “artesanato brasileiro” foi o tema do último núcleo temático da série, que vai do dia 27/12 ao dia 30/12 de 2005. Guimarães investigou a reportagem que tratou sobre o congado e suas considerações introduzem agora neste artigo as discussões que trava-remos.

O que temos na reportagem é a representação do congado enquanto festa; alegria; dança; rompimento do cotidiano de tristeza para a glória do reinado; um espetáculo de cores, ritmos, formas, coreografias. Consequentemente, a valorização do passado ancestral africano, a vivência da tradição² no cotidiano e o vínculo constante com o sagrado, perdem espaço para as cores, os ritmos, o brilho e o momento festivo. A profundidade e unicidade simbólica da tradição, que explica a razão pela qual essa se repete todos os anos, são tratadas de maneira superficial e fragmentada na reportagem.

Sabemos que cada manifestação de congado, em cada lugar onde é ritualizado, guarda especificidades.

Possivelmente, a tradição representada na reportagem apresenta dissonâncias em relação à tradição que conhecemos em nossa pesquisa de campo, junto ao grupo interdisciplinar de pesquisa sobre cultura popular, Gengibre³. Isso porque, também nesse tipo de produção cultural interfere uma série de condicionantes sociais.

Acreditamos que nenhuma expressão cultural é estática e imutável, principalmente no contexto contemporâneo em que os diálogos interculturais são exacerbados. Porém, acreditamos que a unidade comunitária, o respeito pela ancestralidade africana e a religiosidade dos congadeiros permeiam a essência da manifestação do congado, onde quer que seja ritualizada, e constroem um poderoso elo transformador entre passado e presente.

2 A palavra tradição vem do latim *traditio*; o verbo *tradire*, significa entregar, passar algo a outra pessoa, ou de geração para geração, podendo ser compreendida como o conjunto de valores dentro dos quais se estabelecem as comunidades.

3 Grupo multidisciplinar de pesquisa sobre cultura popular, fundado em novembro de 2004, sob coordenação da profa. do curso de graduação em dança da UFV, Carla Ávila. Hoje, o grupo encontra-se sob a coordenação da profa. do curso de comunicação social da UFV, Kátia Fraga.

Se o Congado transcende o momento festivo e imbrica o cotidiano dos conga-deiros, o que pouco foi retratado na reportagem, é justamente por ser também um legado da cultura africana, onde indivíduo social e indivíduo cultural não estão separados, como acontece em grande parte das manifestações culturais européias.

Pretendemos, com essas questões, trazer para o centro da discussão a pertinência de se pensar a interação entre televisão e cultura em geral, acentuada no contexto contemporâneo. Isso em razão da nossa crença de que, dadas as especificidades da linguagem televisiva, bem como a importância que a televisão adquire no contexto da construção identitária dos brasileiros, de uma forma geral, muito do que é dito ou mostrado nesse âmbito exerce influência significativa nos diversos setores sociais e culturais.

A televisão contribui de forma expressiva na formação das identidades sociais e culturais. Entendemos que a mídia tem importante papel na constituição da memória coletiva. Nesse sentido, nos interessa a imbricação entre televisão e sociedade na contemporaneidade, a maneira como se interabastecem ao se encontrarem em diversas encruzilhadas, ao desaguarem em e alimentarem as mesmas bacias semânticas, ao se afinarem com todo um contexto político, econômico, social e cultural circundante e permeável.

Neste artigo nos deteremos, mais especificamente, no lugar da mídia em um momento em que as culturas tradicionais⁴ passam por contextos singulares de maior diálogo com a sociedade e suas institucionalizações. Nesse contato, percebemos algumas mudanças, reformulações, dúvidas que circundam o ambiente das culturas tradicionais. Da mesma forma, visualizamos reflexões, questionamentos e reformulações no que diz respeito ao nosso entendimento acerca da sociedade civil e da cidadania, que relacionaremos, então, com essas outras discussões que emergem das manifestações culturais.

O congado de São José do Triunfo

Foi em um dia de outubro de 2004 que re-conhecemos nas batidas dos tambores da banda de Nossa Senhora do Rosário, Viçosa/MG, um universo sensual de conhecimentos e saberes, de lembranças e de esperança. Inicialmente, não era esse o objetivo. O objetivo era simplesmente ajudar na documentação dos passos, das cores,

4 Chamamos de culturas tradicionais as manifestações que se desenrolam em torno da vivificação cíclica de certa tradição. Preferimos esse termo ao de cultura popular, por compreender a complexidade deste último, quando nos questionamos, como sugere Peter Burke (2005), “quem é o povo? Todos ou apenas quem não é da elite?” (pg. 40). Visto as dificuldades de tratarmos por “populares”, apenas, essas manifestações culturais, preferimos nos referir às mesmas, por “culturas tradicionais” que também são populares. Entendemos, entretanto, que nem toda cultura popular é tradicional. Essa maior abrangência do termo “popular” se dá, principalmente, com as pesquisas em História Cultural e com os questionamentos em torno das categorias “cultura popular” e “cultura erudita”, e com apontamentos em torno da existência da “circularidade” entre essas categorias (GINZBURG, 1987).

dos movimentos, dos giros, que comporiam a didática da disciplina de danças brasileiras, lecionada pela professora Carla Ávila do curso de graduação em dança da UFV. Mas, de forma inesperada, aquela visita técnica se transformou e transformou nossas vidas. Mais tarde, fundamos, junto a mais quatro alunas dos cursos de dança e educação física da UFV, o grupo multidisciplinar de pesquisa sobre cultura popular, Gengibre.

Em sua dissertação de mestrado, Carla Ávila fala das primeiras vivências do grupo Gengibre com o congado de São José do Triunfo.

Em noite de “Manifesto da Dança”, como eles mesmos chamam o Congado realizado no dia 12 e 13 de maio, em referência ao dia 13 de maio, dia dos escravos (palavras da comunidade), o povo sai na rua para cantar e dançar ao som dos cantos ancestrais do Congado, festejo que ultrapassa o tempo e parece nos transportar para um outro espaço. Ao visitarmos aquela comunidade vivenciamos uma experiência que transcende as rotinas da vida acadêmica. Entre peles negras, morenas, caboclas e brancas, a mescla de um povo busca sua identidade. Com suas memórias ancestrais, o domínio é do corpo, dos pés no chão de pó e do tilintar das espadas, que cortam o vento, abençoando e abrindo os caminhos dos homens (ÁVILA, 2007, p. 14).

Existe mais de uma versão acerca da origem dessa manifestação cultural. Uns dizem ser africana, outros, brasileira, outros ainda, luso-afro-brasileira. A perspectiva do artista Maurício Tizumba, a nosso ver, consegue integrar o discurso dos congadeiros com o discurso de alguns pesquisadores, como Câmara Cascudo. Além disso, nos traz a noção da complexidade com a qual estamos lidando:

O Congado tem uma origem luso-afro-brasileira, uma vez que o catolicismo de Portugal forneceu os elementos europeus de devoção à Senhora do Rosário, a Igreja no Brasil reforçou essa crença, enquanto os negros, de posse desses ingredientes, deram forma ao culto e à festa. De fato, a reza do rosário e a devoção dos negros à Nossa Senhora do Rosário foram introduzidos ainda na África, pelos dominicanos no final do século XV, como estratégia catequética, sendo que no Brasil, esse culto foi difundido no início da colonização.

Uma versão muito narrada, de diferentes formas, conta que, a imagem de Nossa Senhora do Rosário teria aparecido nas águas do mar em um local da costa africana. Os brancos teriam feito homenagens na tentativa de trazê-la à terra, no entanto não obtiveram sucesso. Somente os negros, quando tocaram e dançaram para a virgem, foram capazes de comover a santa, que veio para a praia (CORTEZ, 2000).

Esse mito é narrado pelas diferentes bandas congas brasileiras, sendo reinterpretado de diferentes maneiras. Em São José do Triunfo, o mito é narrado/cantado assim:

“Quando chegaram à gruta a Santa estava sentada na pedra.
Ela deu de balanciá e eles cantaram para ela:

Ô Maria, Ô Maria, nós viemos te buscar, Maria.
Pegaram ela e levaram para a Igreja cantando:
Desimbaraiá, desimbaraiá, (bis)
Só Deus é quem sabe desimbaraiá”.

Interessa-nos pensar acerca de alguns elementos que se repetem na vivência da manifestação em diferentes localidades do Brasil. O mito que se faz vivo anualmente com a realização dos congados, narra a escolha de Nossa Senhora do Rosário de acompanhar os negros e não os brancos. Essa diferenciação parece se colocar de forma afirmativa, estabelecendo um lugar identitário para os negros que, em sua pobreza, mobilizam a santa com a força de sua expressividade cultural e de fé.

Stuart Hall (2005) aponta uma questão importante de ser considerada quando destaca o potencial caráter subversivo de repertórios culturais negros constituídos simultaneamente a partir de duas direções. Hall também sublinha a necessidade em insistir na compreensão de que na cultura popular negra, estritamente falando, não existem formas puras. Afirma, ainda, ver nas figuras e repertórios culturais populares negros, as experiências que caminham juntas, não importando se essas culturas são consideradas deformadas, cooptadas ou inautênticas, desde que sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras se expressam e se comunicam.

O Congado, como vemos hoje, é fruto de inúmeras adaptações, sincretismos, descontinuidades. Mas algumas vozes marcantes e constantes podem ser percebidas ao se estudar a história de uma manifestação cultural popular tradicional.

O ato de relembrar, nas suas mais diversas possibilidades, é parte responsável pela reconstrução cotidiana de identidades. O relembrar o coletivo, dessa forma, cumpre a função de suporte da identidade coletiva, seja ela cultural ou social, além de se constituir enquanto agente vinculador dos indivíduos participantes do todo. Assim, essa rememoração fortalece os vínculos de relacionamento e comunhão de cada grupo cultural, além de reatualizar e perpetuar a identidade coletiva.

Na comunidade do Triunfo, a rememoração e transmissão da memória coletiva do grupo de Congado se dá principalmente através da *oralidade*. No cerne desse processo, podemos identificar alguns atores de grande importância para o grupo. Como afirma a estudiosa Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, em uma sociedade marcada pelas formas orais de transmissão dos saberes,

(...) a memória coletiva é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem de transmiti-la às novas gerações, cabendo aos mais velhos, devido à sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória (VON SIMSON, 2004, p. 25).

Quando falamos, então, de cultura popular tradicional, e mais especificamente na transmissão e reconstrução cotidiana dos saberes aí envolvidos, é de grande relevância destacar a importância dos guardiões da memória que, pela experiência sociocultural, muitas vezes se tornam líderes comunitários.

Acreditando ser impossível desvincular a prática cultural coletiva da realidade social individual na qual se insere, a história de cada manifestação cultural tradicional tende a dialogar com as histórias individuais de cada membro do grupo.

Dessa forma, os relatos orais constituídos por integrantes da manifestação cultural em questão, contribuem tanto na compreensão do indivíduo particular, quanto do grupo cultural, da manifestação em si e da nossa própria identidade enquanto brasileiros. Entretanto, a transmissão oral das tradições não se dá somente através desses relatos. A dança, os gestos, os cantos, as rezas, entre outros elementos constituintes da simbologia de cada manifestação, também são formas orais de comunicação da memória coletiva, de perpetuação e recriamento da tradição.

Outra característica convém ser analisada, e diz respeito à perspectiva de temporalidade evocada nessas práticas culturais. O uso e sentido do tempo, aliados às formas orais de comunicação de cada tradição cultural, são alguns dos princípios diferenciadores em relação às expressões culturais nascidas sob a égide da modernidade, como é o caso da cultura das mídias.

“O tempo da cultura popular é cíclico. (...) O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor” (BOSI, 1987, p. 11). O Congado de São José do Triunfo se apresenta justamente nesses termos: constitui-se enquanto parte da memória coletiva comunitária e é vivenciado por seus integrantes em diversas épocas do ano, recorrentemente. Como em um ciclo. Além disso, o conjunto de seus membros rememoram no presente, práticas culturais e realidades sociais passadas.

Essa relação passado/presente, propiciada principalmente por possibilidades orais de comunicação, pode ser criativa e transformadora. Isso porque, no caso das manifestações culturais populares tradicionais, o elo com o passado se estabelece não de forma estática, mas de forma a buscar elementos que contribuam diariamente no enfrentamento dos desafios contemporâneos e futuros.

O pensamento de Olga Von Simson nos traz essa perspectiva:

(...) o ato de compartilhar a memória é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos - porque alicerçadas numa bagagem cultural comum - e talvez por isso conduza à ação. (...) Nesse processo, utiliza-se os “óculos do presente” para reconstruir vivências e experiências pretéritas, o que nos propicia pensar em bases mais sólidas e realistas nossas ações futuras (VON SIMSON, p. 27, 2004).

O que não se limita somente à comunidade, mas transcende enquanto gerador reflexivo da nossa identidade enquanto brasileiros. Ou seja, quem conhece o Congado, seus componentes rituais e importância comunitária, é motivado a refletir acerca da própria história do Brasil.

O congado nos espaços da sociedade civil e enquanto espaço dessa instância

O congado se localiza no interior do catolicismo como um nicho de elementos religiosos africanos que se constitui enquanto espaço de resistência e de reformulação de identidades. Esse espaço, por sua vez, foi organizado contando com outros elementos rituais, em um contexto de sociabilidade marcado pela divisão de classes, o que exigiu articulações e estratégias variadas para a garantia de sua continuidade. Nesse sentido, Paulo Dias (2009) esclarece que o catolicismo negro-confrairial já se mostrava presente no século XV em Portugal e se firmou no Brasil Colônia como única possibilidade dos negros escravizados e libertos se inserirem em uma sociedade dominada pelos brancos. Dessa forma, a associação do candombe com o catolicismo deu-se como forma de legitimação, conquista de um longo histórico esforço de institucionalização.

Como já apontada por diversos estudiosos, a Igreja Católica nem sempre apoiou essas manifestações, ao contrário, perseguiu e proibiu suas ocorrências no interior de seus templos. Foi a persistência dos congadeiros que fez com que essa instituição, no decorrer dos anos, mudasse sua política clerical e, juntamente com a sociedade, passasse a respeitar seu caráter eminentemente sacro. (VILARINO, 2007, p. 69)

Marcelo de Andrade Vilarino (2007) comenta que encontramos nos relatos sobre essas manifestações a idéia de que são reminiscências passadas, sobrevivências de um tempo antigo e que sua existência presente dá-se apenas pela força da “tradição”. Nesse discurso, a tradição aparece como uma classificação superficial, o que a coloca como um motivo folclórico e a esvazia de seu sentido identitário e sua importância no seio da comunidade, como criadora e mantenedora dos laços comunitários.

Jeremias Brasileiro (2009) afirma presenciar nos grupos de congado do município de Uberlândia, triângulo mineiro, mudanças no que diz respeito às pretensões dos guardiões e de outros líderes que surgem no seio das comunidades. As atividades dos grupos têm ultrapassado o fazer cultural, alcançando espaços em outros setores sociais e políticos. Essa nova postura caminha junto com a percepção da importância de se fazerem representados. Dessa forma, como nos diz Brasileiro, se expande o debate étnico-racial e se nutrem novas possibilidades de interações socioculturais.

Quanto mais pessoas lutando, reivindicando lugares em espaços diversos, menos possibilidades há de esses indivíduos serem cooptados e terem seus sentimentos manipulados em prol de um status quo que não lhes valorize. Sem essa percepção, permite-se ao poder que ele continue sendo o que de fato ele é: hegemônico e ditatorial nos seus modos de agir político e sociocultural. (BRASILEIRO, 2009, p. 111)

Acontece que mesmo podendo se inserir de outras formas e com outros discursos nos espaços sociais, os congadeiros, e outros representantes da cultura popular, precisam estar cientes do modelo político-econômico que rege as instituições e as institucionalizações, e mais que isso, precisam ter conhecimento de outras possibilidades de representatividade e de espaços de reivindicação, para que possam, com maior consciência, se articular, organizar e manter uma postura coerente com seus valores, desejos, objetivos e lutas.

Percebemos, assim, o espaço cultural das manifestações como potencial espaço de consolidação da sociedade civil. Se entendemos que a sociedade civil necessita consolidar espaços para se organizar e exercer cidadania, ao nos depararmos com o momento da festa – em que uma comunidade negra expressa não apenas uma crença, mas sua corporeidade, sua singularidade, solidariedade, poder de organização e mobilização, sua negritude –, visualizamos um lugar cujo motivo é cultural e que é circunscrito por questões políticas e sociais.

Entendemos que o aprofundamento dessa discussão junto aos grupos de congado e à sociedade em geral, faz-se importante para o exercício da alteridade, a partir do qual podemos compreender que cada sujeito e grupo tem direito de acesso aos meios necessários para se bancar no lugar que deseja ocupar frente a si mesmo e frente à sociedade. Esse movimento faz-se imprescindível, para desconstruirmos um discurso hegemônico que em sua pretensão de ser solidário para com certos grupos culturais, os desautoriza e os retira de seu lugar de agentes e de sujeitos no mundo.

Os variados segmentos das elites culturais de Uberlândia possuem um discurso hierarquizante quando dialogam com a cultura popular, principalmente o Congado, é percebido como algo natural, folclórico e que necessita de cuidados para não se desnaturalizar. É como se houvesse no povo afrodescendente uma imaturidade organizacional que o deixasse em um estágio subalterno, em que seus desígnios serão realizados somente sob as determinações de uma elite cultural, por meio de seus projetos hegemônicos e engessadores de outras práticas culturais não coadjuvantes com modos de olhar o mundo dos afrodescendentes. (BRASILEIRO, 2009, p. 110)

Essa situação, descrita por Brasileiro, se repete em diferentes lugares e com diferentes grupos culturais tradicionais. Para compreendermos melhor onde se alicerça esse discurso, e como podemos desconstruí-lo para forjarmos outra compreensão do exercício cidadão, vamos pensar uma pouco mais profundamente.

Em uma consulta à etimologia da palavra cidadania, encontramos que ela deriva da palavra *Civita* (cidade em latim), o que explica o seu uso primeiro, para se referir aos direitos e deveres daqueles que habitam a cidade. No século XX, de forma mais contundente, surgem questionamentos e necessidades que apontam para a limitação desse uso, frente à presença e às reivindicações de grupos subalternizados. Deparamo-nos, então, com a busca de reconhecimento não só com relação ao Estado, mas toda a sociedade e com a denúncia da discriminação e de preconceitos incorporados às relações sociais. Quase concomitante a essa demanda, surgem também políticas neoliberais e suas propostas de cidadania e sociedade civil.

Quando falamos de cidadania, hoje, falamos não apenas de participação política e de acesso aos meios de vida, falamos de um movimento mais complexo de compreensão da própria atuação e das potencialidades dessa atuação na sociedade e para a sociedade. Não falamos apenas de acesso aos direitos e deveres, de acesso à informação, mas na articulação desse conhecimento para uma ação criativa e transformadora; transformadora em si e fora de si.

A possibilidade de ação transformadora e de inserção na sociedade como sujeito autônomo e consciente constitui o alcance pleno do exercício da cidadania, entendida aqui de forma complexa que ultrapassa a atuação política, como é localizada pela concepção clássica.

Como Peruzzo salienta, existem algumas noções fundamentais para o entendimento da cidadania:

Primeiro: o cidadão tem direitos e deveres. A participação política, a responsabilidade pelo conjunto da coletividade, o cumprimento das normas de interesse público, são deveres, por exemplo. Segundo: cidadania é histórica. Varia no tempo e no espaço, varia conforme o período histórico e o contexto vivido. Portanto, cabe sempre perguntar quem pode exercer plenamente a cidadania. Terceiro: cidadania é sempre uma conquista do povo. A ampliação dos direitos de cidadania depende da “capacidade política” dos cidadãos, da qualidade participativa desenvolvida. Quarto: as formas de participação decorrem do tipo de sociedade política em que se vive. Quinto: cidadania não se encerra nas suas dimensões de liberdade individual e participação política, mas inclui os direitos sociais e coletivos (PERUZZO, 2002, p.5).

Dessa forma, percebemos a cidadania como a possibilidade de atuação no coletivo, o que implica a compreensão da sociedade e do papel do indivíduo nesse coletivo, construído polifonicamente.

Entendemos que para pensarmos cidadania, precisamos compreender o contexto presente em que se enrolam e desenrolam a sociedade civil, lugar onde a ação cidadã ganha vida, assim como dá vida à mesma. Entre muitas ações, encontramos a participação e a solidariedade como pontos importantes na tessitura da prática cidadã e da consolidação de uma sociedade civil ativa. Entretanto, antes ainda de aprofundarmos essa discussão, é preciso pensar esses conceitos, considerando que

vivemos um contexto de crise discursiva, como nos diz Eveline Dagnino (2004), que atravessa as experiências contemporâneas de construção democrática na América Latina.

Para Dagnino, essa crise discursiva se dá por uma “confluência perversa” do projeto neoliberal e de um projeto democratizante participatório. O que nos interessa mais especificamente para as reflexões que propomos nessa investigação, é que essa crise discursiva, de que fala Dagnino, afeta profundamente a compreensão e os usos dos conceitos de sociedade civil, cidadania e participação. Estando uma vez em crise suas compreensões e também suas práticas se mostram confusas e contraditórias.

Sabemos que a implantação do projeto neoliberal trouxe profundas consequências para as sociedades latino-americanas; e no que se refere à reestruturação do Estado e da economia, essa percepção é geral. No entanto, para Dagnino, os impactos desse processo sobre a cultura política dos países são menos reconhecidos e menos ainda em seus contextos e especificidades nacionais. Para o fenômeno atual de apropriação musical, do qual ainda trataremos, no ambiente das culturas tradicionais, fica muito perceptível como as relações são guiadas pela política neoliberal.

O avanço da estratégia neoliberal influenciou profundamente a cultura política no Brasil e na América Latina. Para Dagnino, a redefinição da noção de sociedade civil e do que ela designa parece ser o deslocamento mais visível produzido pelo projeto. Como consequência, percebemos cada vez mais a identificação entre sociedade civil e ONG, em que o significado da expressão sociedade civil se restringe a designar apenas essas organizações, e ainda como sinônimo de terceiro setor.

Dagnino também fala da chamada nova cidadania, ou cidadania ampliada que começou a ser formulada pelos movimentos sociais, a partir do final dos anos setenta e ao longo dos anos oitenta, em resistência à ditadura. Essa concepção de cidadania buscava implementar um projeto de construção democrática e de transformação social, o que implicava também, uma ligação constitutiva entre cultura e política. Assim, havia preocupação com demandas de acesso a equipamentos urbanos como moradia, água, luz, transporte, educação, saúde e com questões como gênero, raça e etnia, assinalando um olhar que se voltava para os sujeitos sociais e suas subjetividades.

(...) incorporando características de sociedades contemporâneas, tais como o papel das subjetividades, o surgimento de sujeitos sociais de um novo tipo e de direitos também de novo tipo, bem como a ampliação do espaço da política, esse projeto reconhece e enfatiza o caráter intrínseco da transformação cultural com respeito à construção da democracia (DAGNINO, 2004, p. 104).

Assim, a redefinição da noção de cidadania formulada pelos movimentos sociais, expressa não somente uma estratégia política, mas também uma cultura po-

lítica. A nova cidadania assume uma redefinição da idéia de direitos, cujo ponto de partida é a concepção de um direito a ter direitos. Essa concepção inclui a invenção/ criação de novos direitos, que surgem de lutas específicas e de suas práticas concretas. Além disso, a nova cidadania pauta a necessidade e a possibilidade de transcender a reivindicação ao acesso, inclusão, participação e pertencimento a um sistema político já dado. Falamos aqui do direito de “participar na própria definição desse sistema, para definir de que queremos ser membros, isto é, a invenção de uma nova sociedade” (DAGNINO, 2004: 105).

Essa discussão, especificamente, nos interessa, visto que essa reformulação da compreensão da cidadania pelos movimentos sociais abre espaço para que grupos da cultura popular e tradicionais⁵ se coloquem frente à sociedade e a convoquem a pensar e discutir questões e necessidades próprias que surgem com a relação entre sua organização social e cultural e o contexto contemporâneo.

Entendemos, assim, que a cidadania precisa ser estabelecida no interior da própria sociedade, como parâmetro das relações sociais que nela se travam. Nesse sentido, a nova cidadania é um projeto para uma nova sociabilidade com um formato mais igualitário de relações sociais em todos os níveis, inclusive novas regras para viver em sociedade.

A consolidação desses espaços de negociação é imprescindível hoje, uma vez que vivemos em uma sociedade múltipla, habitada por diferentes sujeitos detentores de distintos referentes culturais. Essa heterogeneidade também é vivenciada no âmbito da cidadania, quando nos deparamos com esses múltiplos sujeitos sociais que trazem para a esfera pública diferentes anseios, necessidades e propostas.

Em sua pesquisa de mestrado, Vilarino (2007) observa os grupos de congado da região metropolitana de Belo Horizonte – MG – e aborda os conflitos que têm surgido no âmbito da tradição na contemporaneidade. Uma questão central que o pesquisador aborda se refere à participação dos congadeiros como atração em diversos eventos sociais ou culturais de Belo Horizonte. Para Vilarino, quando os grupos congadeiros enveredam por esses ambientes, acabam ressignificando os usos desses espaços, uma vez que os impregnam com elementos de sua religiosidade. Além disso, a maior parte dos congadeiros nunca se imaginou ocupando esses espaços, nem mesmo freqüentando, visto que seu acesso, mesmo quando há atividades gratuitas, fica restrito aos grupos socialmente e economicamente privilegiados. Da mesma forma, a expressividade cultural e religiosa do congado tem sido conhecida a pouco tempo pela sociedade em geral.

5 Optamos por diferenciar “grupos culturais populares” de “grupos tradicionais”, por compreender que a categoria “cultura popular” abarca diversas manifestações culturais, urbanas e rurais. Como nessa pesquisa tratamos de uma comunidade que se alicerça em uma tradição e na ancestralidade, faze-se importante nos referirmos especificamente a esses grupos.

Vilarino também toca em uma questão pertinente no que se refere a novas configurações políticas que interferem no ritual. Alguns grupos de congado têm se valido da possibilidade de captação de recursos públicos e apoios políticos para a realização de suas festas.

(...) A chegada de recursos financeiros altera um padrão tradicionalmente difundido entre grupos fraternais, a responsabilidade dos reis festeiros de arcarem com o ônus da produção de suas festas, com a ajuda dos membros daquele congado. Verificando a relação dos projetos aprovados na lei de incentivo à cultura do município, pudemos confirmar que nos anos de 2002 e 2003, uma irmandade belo-horizontina obteve significativos recursos para a realização de suas atividades. Essa “Guarda” foi criticada pelos grupos que a visitaram pelo aspecto “luxuoso” que sua festa apresentava, pois tinha sido preparado um grande banquete repleto de frutas e iguarias para todos os convidados, alimentos que nem são encontrados nos banquetes das festas congadeiras. (VILARINO, 2007, p. 59-60)

Outra questão importante de ser discutida é a aproximação do universo musical mineiro com as singularidades rítmicas e melódicas do congado. Segundo Vilarino, essa aproximação tem dado corpo a uma nova musicalidade mineira. Esse movimento começou com Maurício Tizumba e Tambolelê, e despertou o interesse de outros músicos, como Milton Nascimento, Titane, Marina Machado, entre outros.

Nessa movimentação, nos deparamos com a problemática da apropriação do repertório tradicional pela indústria fonográfica e de entretenimento que ao mesmo tempo que “divulga” parte da cosmologia da manifestação e a coloca em evidência em espaços públicos, ampliando as brechas para firmar sua legitimação frente à sociedade, também entra em um processo sutil, mas intenso e perigoso de degradação simbólica.

Isso, porque como José Jorge de Carvalho (2003) chama a atenção, o modelo neoliberal, no qual nos localizamos, trabalha com o vazio político, ideológico e histórico, em um mesmo movimento da mediatização que, como comentamos aqui, faz elaborações abstratas para chegar na descontextualização dos fenômenos, para que estes se tornem mais palatáveis. Assim, tanto o mercado como as mídias, desconsideram certos aspectos singulares dos bens culturais, desrespeitando, muitas vezes, seu universo simbólico, seu processo criativo e a sua estética própria.

Segundo Vilarino, o pesquisador José de Carvalho entende que essas apropriações funcionam como canibalização, de forma semelhante aos momentos em que os brancos canibalizam as formas simbólicas afro-americanas tradicionais. Nesse movimento, a perspectiva canibalizadora também é introjetada pelas comunidades periféricas que passam a estabelecer um mesmo tipo de relação com as suas próprias tradições e saberes. Essa reflexão fica evidenciada com a fala de uma congadeira, citada por Vilarino: “Para nós, do Rosário, é tão decepcionante quando alguém ‘maquia’ a nossa música. Esta maquiagem pode levá-la ao esquecimento, pois os mais

jovens não a aceitam da forma que nos foi passada (GASPARINO, apud VILARINO, 2007, p. 74)”.
Percebemos assim que entre os grupos congadeiros também existe cautela com relação a essas novas relações.

Essa preocupação torna-se evidente quando uma capitã de “Guarda de Congo”, ao refletir sobre as gravações de músicas congadeiras por músicos na cidade, informa que, no seu grupo, as crianças e jovens já não querem cantar como os antigos, pois ouvem as versões apresentadas nas rádios e são influenciados pelas gravações que os músicos estão tocando. (VILARINO, 2007: 59)

Esse movimento das crianças e dos jovens evidencia o quanto a construção identitária passa pelos discursos produzidos por instituições e organizações que se pretendem dominantes, como nos diz Manuel Castells (2003). Esses discursos são interiorizados, tendo mediadores formais, como a educação e a mídia. No entanto, as identidades não se forjam somente aí. Cada indivíduo carrega peculiaridades referentes à sua realidade social e cultural, que influenciam diretamente as relações estabelecidas com os conteúdos simbólicos difundidos e que lança, da mesma forma, discursos e representações com as quais podemos nos identificar ou não.

Vilarino comenta que a juventude congadeira belo-horizontina mantém um vínculo com as tradições fundadas por seus ancestrais, e esse envolvimento ultrapassa a questão religiosa, uma vez que os jovens se relacionam fora do contexto da festa. Compreendemos, então, que existem outros elementos para além daqueles próprios da tradição que são capazes de construir uma identificação importante no processo identitário desses jovens.

Manuel Castells (2003) distingue três formas de construção de identidades, a legitimadora, a de resistência e a de projeto. A primeira é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de localizar sua dominação a partir principalmente da imposição dos vários tipos de nacionalismos. A de resistência é aderida pelos indivíduos que foram colocados em posições estigmatizadas, ou que se encontram em condições desvalorizadas pela lógica da dominação. Esses indivíduos semeiam princípios diferentes dos que as instituições germinam. A identidade de resistência leva à formação de comunidades, o mais importante tipo de construção de identidade na sociedade atual. Por último, a identidade de projeto materializa-se em novas construções de identidade, capazes de redefinir a posição do indivíduo na sociedade e transformar a estrutura social. Essas identidades não são estáticas, ao contrário, podem revezar a dominação; nascendo a partir da resistência, transformando-se em projetos, conquistando a legitimação, e sendo derrubadas novamente por outros projetos.

O congado sustenta e é sustentado pela identidade de resistência. Entretanto, quando a sua relação com a contemporaneidade traz para o centro da manifestação conflitos, questionamentos, dúvidas e a tensão da possibilidade de mudanças, de degradação e de ampliação, percebemos que a construção de identidades de projeto começam a se colocar visualizáveis. A questão não se localiza na necessidade ou não de mudança dos grupos ou de sua tradição, mas na percepção de que é uma escolha desses grupos que precisa ser feita com consciência do processo em que se encontram inseridos, dos interesses daqueles que se fazem presentes na negociação de sentido da festa e da sua capacidade de reivindicação dos meios e ferramentas que banquem sua escolha.

Se pensar cidadania, hoje, passa também pela defesa da pluralidade, da diversidade e da alteridade, e se baseia no âmbito das práticas, voltarmos para as culturas populares mostra-se um movimento necessário para a consolidação de um projeto de cultura política consistente e plural.

Pensar a inserção mais direta das culturas populares nas preocupações da cidadania e na constituição da sociedade civil, por sua vez, passa, inevitavelmente, pelas políticas de comunicação, dada a sua centralidade no cotidiano contemporâneo.

É nesse sentido que retomamos as discussões iniciais acerca da cultura da mídia e sua relação com as culturas tradicionais, que de forma majoritária, se dá por meio da superficialização e espetacularização das manifestações. Compreendemos que outras formas de relação se fazem necessárias se queremos que as comunidades tradicionais se apropriem de seus espaços culturais enquanto espaços também políticos e sociais.

Acreditamos que essas outras formas são possíveis se se estabelecem a partir da alteridade, do interesse verdadeiro pelo *outro* e seus saberes. Se o olhar é lançado sem julgamentos e com o compromisso de aproximação despretensiosa. Da mesma forma, as experiências de apropriação dos cantos e versos das manifestações precisam ser construídas com o mesmo cuidado, com a certeza de que as comunidades envolvidas estejam cientes do processo. Também é necessário travar discussões dentro dessas comunidades acerca das problemáticas e potencialidades dessas movimentações do ritual para outros espaços. Assim, poderemos, estimulando a reflexividade nos espaços da mídia e de outros espaços da sociedade civil, fortalecer a expressividade das identidades culturais e sua (re)construção simbólica.

Referências

BRASILEIRO, Jeremias. Aspectos socioculturais do congado de Uberlândia: cultura, tradição, modernidade. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v.8, p.105-117, jan./dez. 2009

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Vol. II. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura; Trad. de Alexandra Lemos e Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

DAGNINO, Evelina. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? IN: MATO, Daniel (coord.), **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004.

DIAS, Paulo. Tradição e modernidade nas ingomas do sudeste; IN: LAHNI, Cláudia Regina (org.) ...[et all.]. **Culturas e diásporas africanas**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**; tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et all.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**; tradução de Betania Amoroso. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA)**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO de Comunicação da UMESP/ALAIC, v. 4, n. 1, p 1-10, out-dez 2002.

VILARINO, Marcelo de Andrade. **Festas, cortejos, procissões: tradição e modernidade no congado belo-horizontino**. Dissertação de mestrado da PPG Ciências da Religião do ICH – UFJF, 2007.